Parla!

SHABTIS

TRABALHO E SOCIEDADE NO EGITO ANTIGO

A sociedade egípcia era uma sociedade extremamente hierarquizada e dividida em classes muito bem distintas. O historiador grego Heródoto, que viveu no século V a.C., distinguia pelos menos sete. De forma muito sucinta, o Antigo Egito era composto, primeiramente, por uma classe dominante, onde estavam o faraó e sua família, a nobreza que orbitava sua esfera de influência, altos funcionários do governo, generais e os grandes sacerdotes; posteriormente viria uma classe média, formada por burocratas de nível intermediário, os comerciantes e os sacerdotes locais; e por fim uma classe baixa, formada pelos artesãos e camponeses livres (BRANCALION, 2001).

O trabalho na sociedade egípcia era de caráter servil e, em determinadas situações, também compulsório, sendo a escravidão praticada em contextos muito específicos. Muito embora comparações com períodos posteriores sejam consideradas anacrônicas, havia no Egito Antigo um sistema de trabalho similar à corveia, organizada pelos magistrados locais. Como o faraó era o "proprietário" de toda a terra do Egito, o domínio sobre o trabalho dos camponeses era mais direto, pois a base da produção econômica do Egito era a agricultura. Mas o faraó também detinha o poder de designar homens e mulheres para executarem qualquer tipo de trabalho físico, desde a construção de palácios e templos, até mesmo expedições militares e comerciais. Individualmente, se um servo quisesse escapar de qualquer serviço compulsório ele deveria pagar uma outra pessoa para executá-lo em seu lugar. No entanto, evitar o trabalho obrigatório a qualquer custo era severamente punido (MALEK, 1999; SHAW, 2000).

A construção de templos, palácios e necrópoles demandava um grande número de trabalhadores especializados, muitas vezes à custa da produção de alimentos. Isso obrigou o antigo estado egípcio a reorganizar sua produção e também a atualizar as normas de administração pública. O desenvolvimento do culto ao faraó como encarnação divina foi fundamental para legitimar a centralização do poder político e religioso na sua pessoa. Portanto, trabalhar para o faraó significava trabalhar para os deuses. Também os rituais funerários, hoje tão associado com a cultura do Egito Antigo, justificavam a construção de uma cada vez mais complexa rede de edifícios e monumentos, dentre os quais as pirâmides são o grande exemplo. No entanto, um manejo mais racional das terras cultiváveis, principalmente aquelas que eram atingidas pelas cheias do rio Nilo, provou-se muito eficiente para a produção agrícola do Egito Antigo. Isso implicou um aumento na produtividade de alimentos, diminuindo o tempo que o trabalhador dispendia no manejo da terra. Assim se formou um excedente de força de trabalho, que se colocava à disposição do faraó para levar a cabo seus projetos arquitetônicos (MALEK, 1999; SHAW, 2000).

O entendimento sobre as relações de trabalho no Egito Antigo pode ajudar a compreender o surgimento de um artefato funerário muito comum nos rituais do Egito, e que se faz presente na coleção egípcia da Casa Museu Eva Klabin: são os *shabtis*, pequenas estatuetas que podem ser encontradas na Sala Renascença, ao redor de diversas outras relíquias funerárias da cultura egípcia.

OS *SHABTIS* DA COLEÇÃO EVA KLABIN

Shabtis, ou *Ushabtis*, são pequenas estatuetas esculpidas em forma de múmia, de diferentes materiais, que eram depositadas nas tumbas do Antigo Egito, de forma que aquelas estátuas pudessem substituir o morto nas atividades que ele deveria executar no Outro Mundo (BRANCALION, 2001). Também denominadas *shawabti*, esses termos são, na verdade, usados de forma imprecisa, incorretamente associados como sinônimos, desconhecendo também seus limites geográficos. Embora o termo traga conotações muito generalistas, seria mais correto denominar estes objetos simplesmente como *figuras funerárias*, mais adequado à diversa produção dessas estatuetas, nos diversos períodos da história egípcia (REDFORD, 2001).

Descrições sobre essas estatuetas funerárias aparecem no capítulo 6 do Livro dos Mortos. Os primeiros protótipos dessas figuras eram feitos de cera e foram encontrados no sítio arqueológico de Saqqara, datados da 11ª Dinastia. Tinham formas humanas, eram enrolados em linho e depositadas em pequenos caixões, sendo consideradas múmias em miniatura. Sua função como trabalhadores em nome

do morto surgiu no Antigo Império, tanto na forma de estatuetas, quanto em relevos pintados. Enquanto muitas dessas figuras eram cuidadosamente produzidas, a maioria era executada em moldes, e essas eram as mais populares e abundantes em sítios funerários (REDFORD, 2001a).

Por volta do Médio Império, essas figuras começaram a aparecer em números maiores, feitas de pedra e trazendo o nome e o título do morto. Entre a 13ª e a 17ª dinastias, formas simplificadas do capítulo 6 do Livro dos Mortos são observados em alguns exemplares esporádicos. Esses textos descrevem as atividades agrícolas a serem exercidas, notadamente irrigação, plantio ou remoção de areia. O período da 18ª Dinastia foi de grande inovação no desenvolvimento dessas figuras, que passaram a ser também confeccionadas em madeira, faiança, terracota, metal e até mesmo vidro, em alguns exemplos raros. Também uma versão estendida do capítulo 6 do Livro dos Mortos começa a se difundir nessas peças (REDFORD, 2001a).

Durante o reinado de Thutmés IV, artesãos passaram a enfatizar o caráter servil dessas figuras, acrescentando outras ferramentas de trabalho às estatuetas. Entre o fim da 18ª e início da 19ª dinastias, começaram as figuras vestidas como os vivos, lembrando as roupas vestidas pelos membros das elites sociais. Como são vestimentas inapropriadas para o trabalho, acredita-se que essas estatuetas específicas tinham um significado religioso, indicando que o morto passaria para a eternidade vestido com suas melhores roupas. A produção dessas figuras perdurou até o período ptolomaico, período em que se situam os últimos exemplares encontrados (REDFORD, 2001a).

Figura 1
SHABTI
Egito, Novo Império (c. 1550-1070 a.C.)
Madeira estucada e policromada
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

A Casa Museu Eva Klabin possui três exemplares dessas figuras funerárias, identificadas com um período específico de produção. O *shabti* datado do Novo Império (Fig. 1) é feito de madeira policromada. Apresenta um detalhado trabalho fisionômico, com resquícios de pintura nos olhos, nos lábios e no torso. Apesar desse cuidado, a estatueta não possui grandes adornos, nem apresenta inscrições no seu corpo. Pode-se especular que se trata de uma imagem votiva, pertencente a alguém de estatuto social menos elevado. A imagem poderia também fazer parte de um conjunto maior de *shabtis*, necessitando do todo para criar algum sentido sobre ela.

As outras duas, pertencentes ao III Período Intermediário (Fig. 2 e Fig.3), são mais elaboradas e dão testemunho do apuro técnico dispensado a essas peças. São feitas de faiança egípcia azul, provavelmente a partir de um molde de pedra.

Figura 2
USHABTI
Egito, 25ª-26ª dinastias (c. 1070-525 a.C.)
Faiança egípcia
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Figura 3
USHABTI
Egito, 25ª-27ª dinastias (c. 1070-404 a.C.)
Faiança egípcia
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Nesse período, cada figura passou a representar um dia no ano, então uma tumba poderia receber 365 *shabtis*, comandados por outras 36 figuras, que seriam os seus capatazes. As estatuetas apresentam ferramentas em suas mãos, e os seus corpos são cobertos por inscrições. Essas inscrições poderiam conter apenas o nome do morto e sua posição social, porém a mais comum é a invocação do *shabti* para o trabalho, a partir da seguinte fórmula:

> Ó *shabti* do Osíris (nome do morto) filho de (nomes dos pais), se eu for chamado a fazer algum trabalho, dentre os que devem ser executados no mundo inferior, que todos os obstáculos diante de mim sejam postos de lado. Que recaia sobre ti, em lugar de recair sobre mim, quando for chamado a semear os campos, a irrigar os campos e a trazer as areias de leste para oeste. A resposta do *shabti* era a seguinte: Estou aqui e estarei onde me chamares (BRANCALION, 2001, p. 117).

A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO NA ARTE FUNERÁRIA EGÍPCIA

Além dos *shabtis*, a arte egípcia possui alguns outros exemplos de estatuetas e outras decorações que aludem ao cotidiano, descrevendo diversas atividades produtivas. Uma dessas é a famosa estátua do *Escriba Sentado* (Fig.4), em exibição no Museu do Louvre, um exemplo de que não só as atividades manuais eram dignas

Figura 4
ESCRIBA SENTADO
Egito, 4ª-5ª dinastias (c. 2600-2350 a.C.)
Calcário, cristal de rocha e cobre
Paris: Museu do Louvre (FR)

de representação. De identidade desconhecida, o escriba encontra-se sentado, com as pernas cruzadas, pronto para executar seu trabalho. Uma folha de papiro desenrola-se sobre seu colo e a mão direita parece segurar perfeitamente um instrumento de escrita, embora esse artefato tenha se perdido do conjunto. Estátuas como a do escriba foram introduzidas a partir da 4ª dinastia, por volta de 2540 a.C., e continuaram a ser utilizadas até a 26ª dinastia, no final do século VII a.C. Ter um alto grau de instrução era essencial para obter um cargo de importância e por isso a pessoa seria digna de ser imortalizada para a posteridade (MALEK, 2000).

Mereruka foi um grande oficial durante os reinados de Teti e Pepi I, no período da 6ª dinastia (c. 2360 a.C.). Sua tumba, localizada no complexo de Saqqara, é uma das maiores tumbas não-reais já descobertas do período, impressionando tanto pelo tamanho, quanto pela quantidade de relíquias e decorações. Um dos relevos parietais da tumba (Fig. 5) mostra um grupo de seis pessoas trabalhando em um pequeno forno, cada uma trazendo uma grande vara, por onde parecem assoprar para dentro do forno. Embora a cena aluda à atividade da produção de vidro, consta que a cena representa trabalhadores metalúrgicos, provavelmente mantendo o forno de fundição aceso. Como alto funcionário do faraó, pertencente à família real, a tumba de Mereruka traz todos os seus feitos como grande administrador do Egito, e a cena de metalurgia deve aludir a isso: sua capacidade de gestão e a abundância de riquezas da terra (MALEK, 1999;REDFORD, 2001b).

Figura 5
HOMENS TRABALHANDO EM METALURGIA
Egito, 6ª dinastia (c. 2300 a.C.). Calcário. Saqqara: Tumba Sl10 do Cemitério de Teti (EG)

BIBLIOGRAFIA

BRANCALION JR., Antônio. *Tempo, matéria e permanência: o Egito na coleção Eva Klabin Rapaport*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.

FUNERARY FIGURINES. In: REDFORD, Donald B (Org.). *The Oxford Encyclopaedia of Ancient Egypt*. v. 1. Oxford: Oxford University Press, 2001a.

MALEK, Jaromir. *Egyptian art. Londres*: Phaidon, 1999.

MERERUKA. In: REDFORD, Donald B (Org.). *The Oxford Encyclopaedia of Ancient Egypt*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2001b.

SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egyp*t. Oxford; Nova Iorque: Oxford University Press, 2000.